

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER

SILVANE LUCIANE HAUSCHILDT CAVALLI

O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE TABACO EM BARRA FUNDA - NOVO
MACHADO - RS

Porto Alegre

2022

SILVANE LUCIANE HAUSCHILDT CAVALLI

**O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE TABACO EM BARRA FUNDA - NOVO
MACHADO - RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientadora Prof. Dr. Michele Lindner

Porto Alegre

2022

SILVANE LUCIANE HAUSCHILDT CAVALLI

**O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE TABACO EM BARRA FUNDA - NOVO
MACHADO - RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 19 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Michele Lindner – Orientador
UFRGS

Prof. Dr. José Antônio Louzada
UFRGS

Prof^a. Me. Deise de Oliveira Alves
UFRGS

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso buscou analisar a realidade de famílias produtoras de tabaco do município de Novo Machado -RS. Nesse sentido foram realizadas entrevistas junto a quinze famílias, compostas por agricultores familiares da comunidade de Barra Funda (Novo Machado-RS). Buscou-se neste trabalho analisar as vivências dos pequenos agricultores, a partir de uma pesquisa descritiva voltadas às situações cotidianas diante do desenvolvimento da cadeia produtiva, o tabaco, contendo o relato do manejo da cultura desde a semeadura até o momento da colheita e venda do produto para as indústrias. A pesquisa traz a realidade de pequenos produtores, minifúndios que há décadas desenvolvem a atividade de forma tradicional e braçal com ocupação significativa do uso da tração animal no desenvolvimento da atividade tabaqueira.

Palavras-chave: Produção de tabaco, sucessão familiar, viabilidade econômica.

ABSTRACT

The current end-of-course work tried to analyse the reality from the tobacco producing families from Novo Machado town – RS. This way, interviews were conducted with fifteen families, composed by Family farmers from Barra Funda Community (Novo Machado – RS). The aim of this work was to analyse the experiences of the little farmers, from a descriptive research focused on the day-to-day situations in the development of the production chain, the tobacco, containing the crop management report from sowing to harvest moment and sale of the product for industries. The research brings the little farmers reality out, which for decades have carried out the activity in a traditional and manual way with meaningful occupation of animal traction use on the development of the tobacco activity.

Key words: Tobacco production, family succession, economical viability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Município de Novo Machado no Estado do Rio Grande do Sul.	11
Figura 2: Visita à Família Hirchi	14
Figura 3: Estrada de Acesso à Comunidade Estudada.	14
Figura 4: Lavoura com Plantio de Tabaco.....	15
Figura 5: Visita à Propriedade da Família de Edemar Roll.....	22
Figura 6: Escola Desativada da Comunidade de Barra Funda.	24
Figura 7: Propriedade Rural de Sucessão	27
Figura 8: Propriedade Rural De Barra Funda, Novo Machado	29
Figura 9: Estufa com o Preparo de Mudas de Tabaco, Semeadura e Nascimento.	31
Figura 10: Tabaco Plantado na Lavoura, Propriedade do Produtor Edemar Roll	32
Figura 11: Lavoura de Tabaco em Época Retirado do Broto	32
Figura 12: Colheita de Tabaco na Propriedade de Jiseldo Roque Hauschildt.....	33
Figura 13: Classificação e Enfardamento de Tabaco.	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Representação da Faixa Hectare dos Habitantes da Comunidade.....	25
Gráfico 2: Forma de Aquisição das Propriedades	26

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Número de Pessoas por Faixa Hectare	24
Quadro 2: Módulos de Terra em Relação às Propriedades Estudadas	28
Quadro 3: Número de Pessoas por Família na Comunidade de Barra Funda, Novo Machado	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
BCB	Banco Central do Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	METODOLOGIA.....	13
3	REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1	A FUMICULTURA	16
3.1.1	A agricultura familiar na fumicultura.....	17
3.1.2	A agricultura em terrenos ondulados: paralelo entre meio ambiente e saúde	18
3.1.3	Perspectivas da fumicultura	20
4	DESENVOLVIMENTO.....	22
4.1	AS HISTÓRIAS DAS PROPRIEDADES	22
4.2	NÚMERO DE MEMBROS DA COMUNIDADE E FAIXA HECTARE	24
4.3	FORMA DE AQUISIÇÃO DAS PROPRIEDADES	26
4.4	TAMANHO DAS PROPRIEDADES POR ÁREA DE TERRA EM HECTARES	28
4.5	PRINCIPAL FONTE DE RENDA	30
4.6	O CULTIVO DO TABACO, NA COMUNIDADE DE BARRA FUNDA	30
4.7	EMPRESAS INTEGRADAS AO PLANTIO DE TABACO	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS	38
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS AGRICULTORES	40

1 INTRODUÇÃO

Vários fatores evidenciam que o desenvolvimento rural não é devidamente baseado em um meio evolutivo tecnológico mecanizado, porém em muitas situações pode ser definido ao meio em que está inserido, uma região ou comunidade em que além dos fatores econômicos e sociais também prevalecem seus costumes e métodos tradicionais, um reflexo de seus antepassados, conhecimentos passados de geração em geração por meio da sucessão familiar rural.

Buscando entender o desenvolvimento agrário em pequenas propriedades/comunidades rurais, de regiões que apresentam características à base da agricultura familiar, nas quais prevalece o uso de técnicas agrícolas pautadas na tração animal e na atividade agrícola desenvolvida de forma braçal, com uma cadeia produtiva envolvendo poucas tecnologias adaptadas ao sistema agrícola estudado. Estará em estudo uma localidade da região Noroeste do Estado do Rio do Sul que apresenta um clima tropical temperado com as estações do ano bem definidas e malha hídrica composta de vertentes perenes e do Rio Uruguai.

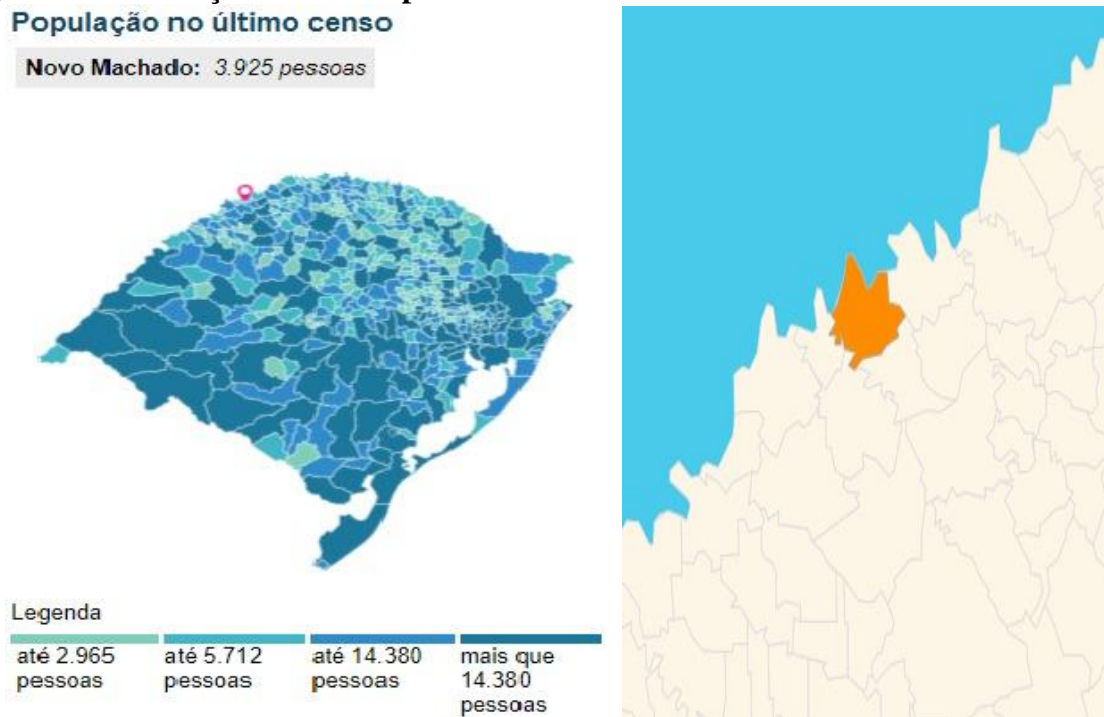
Diante desse contexto é possível formular hipóteses sobre determinado assunto condicionado diretamente a uma comunidade na qual é possível estudar, por meio de pesquisa, o desenvolvimento rural diante do sistema agrícola ali desenvolvido, autores definem isso como um sistema econômico e social baseando-se em questões agrárias. Neste sentido, Neumann e Fialho (2009) apresentam diagnósticos ante ao contexto em que cada comunidade está inserida. Constituindo, assim, enfoques que possam descrever os contextos sociais e econômicos das unidades produtivas, como:

[...] proporciona uma análise mais ampla e detalhada das relações da unidade produtiva com o meio que a envolve, o que possibilita obter maior segurança para compreender, por exemplo, distintos fenômenos sociais e econômicos de uma determinada região (NEUMANN; FIALHO, 2009, p. 9).

O contexto socioeconômico e a valorização agrícola são considerados essenciais para que ocorra um processo de desenvolvimento agrícola, considerando sua malha hídrica, os tipos de solo e localização geográfica, diante do comportamento do relevo local. Ao observarmos o relevo, podemos formular hipóteses diante da adaptação cultural e regional, para uma melhor viabilidade diante do desenvolvimento das espécies a serem produzidas, considerando sua adaptação, seu cultivo, bem como a viabilidade diante do plantio, colheita e comercialização.

Nesse sentido busca-se uma melhor compreensão dos elementos que compõem e condicionam um sistema agrário de uma comunidade rural, levantando hipóteses condicionadas ao desenvolvimento rural em pequenas comunidades, com vista da realidade por meio de pesquisa de campo. Nesta perspectiva foi conduzido a pesquisa de campo junto à comunidade de Barra Funda, Novo Machado – RS (Figura 1), objetivando a produção de tabaco como estratégia de reprodução e exploração da agricultura familiar.

Figura 1: Localização do Município de Novo Machado no Estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: IBGE, 2010 e 2020.

Procurando entender o contexto familiar e cultural da comunidade rural, buscou-se diante do presente trabalho, identificar o desenvolvimento da produção de tabaco, com enfoque ao cultivo e comercialização, com descrição das práticas agrícolas voltadas ao dia-a-dia dos agricultores familiares da comunidade de Barra Funda – Novo Machado- RS.

Destacando a grande importância da viabilidade econômica em uma comunidade rural, por meio de pesquisa de campo foi possível observar o contexto social e cultural diante da cadeia produtiva, o tabaco, que perdura por mais de cinquenta anos em uma comunidade de agricultores familiares, passando de geração em geração junto com a sucessão rural da comunidade.

Por tanto, o presente trabalho de conclusão de curso (TCC), busca entender o contexto de 15 famílias que compõem a pequena comunidade, trazendo a abordagem junto à comunidade

rural de Barra Funda, envolvendo a produção de tabaco em pequenas propriedades rurais, abordando o desenvolvimento da produção agrícola bem como o contexto econômico local, o perfil dessas famílias e a estrutura fundiária,

Para a realização do trabalho foi escolhido uma comunidade rural composta por famílias de pequenos agricultores familiares da comunidade de Barra Funda, Novo Machado- RS, da região noroeste do estado do Rio grande do Sul, em que a maioria das propriedades é composta por herdeiros homens que herdaram as pequenas áreas de terras em forma de gratificação aos cuidados de seus pais idosos.

No capítulo três (3) apresenta um referencial teórico, que serviu de base para a escolha dos temas a serem pesquisados, no capítulo quatro (4) o trabalho apresenta a descrição da pesquisa de campo envolvendo as quinze famílias residentes na comunidade, onde os resultados são apresentados por meio de gráficos, tabelas e registros fotográficos, retratando o cenário local.

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa foi desenvolvida por meio de pesquisa qualitativa a partir das informações de uma população de quinze famílias de pequenos agricultores da comunidade de Barra Funda, Novo Machado – RS, envolvendo o plantio de tabaco, cultura típica desenvolvida na comunidade. Buscando entender o cultivo de tabaco em pequenas escalas, a base da agricultura familiar, levantou-se hipóteses diante dos diferentes meios de produção e da prevalência dessa cultura em uma pequena comunidade que prevalece por décadas.

Para isso foram realizadas entrevistas com o auxílio de um roteiro de entrevista semiestruturada, (em apêndice A) para a partir destas ter o contato direto com os agricultores conseguindo entender a realidade econômica e social da comunidade em estudo. Neste sentido Minayo (2015), descreve um sistema semiestruturado como:

O que torna o trabalho interacional (ou seja, de relação entre pesquisador e pesquisados) um instrumento privilegiado de troca de informações sobre as pessoas é a possibilidade que a fala tem de ser reveladora de condições de vida, de sistemas de crenças e, ao mesmo tempo, possuir a magia de transmitir por meio de um porta voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor (MINAYO, 2015, p.63).

Esse dinamismo foi fundamental para desencadear o processo de descrição de um sistema cultural e econômico relacionado diretamente às condições históricas que perpassam gerações em uma comunidade com costumes familiares, econômico e social tradicionais.

O questionário foram aplicado com as pessoas que residem na comunidade, sendo este respondido pelos agricultores durante visitas de campo às propriedades rurais, as entrevistas aconteceram durante o mês de abril de 2022, quando na oportunidade a autora fez visitas individuais junto às propriedades rurais da comunidade de Barra Funda, conforme ilustra a imagem a seguir.

Figura 2: Visita à Família Hirchi



Fonte: Arquivo do autor. (2022).

As visitas de campo foram realizadas com uso de material impresso, caderno de campo, para realização das entrevistas. Na oportunidade foram feitas observações, registros no caderno de campo e registros fotográficos para demonstrar com maior precisão a realidade da comunidade em estudo.

Conseguindo a partir de estudo de campo ter um contato direto com os produtores de tabaco, onde eles mostraram as instalações de sua propriedade para o cultivo e a colheita, como as estufas de preparação de mudas e os galpões de secagem. Relataram as viabilidades econômicas diante do contexto que cada família está inserida, deixando claro as dificuldades de acesso a sua propriedade, devido estarem inseridos na comunidade mais distante da sede municipal que se dá por caminhos de chão estreitos, tendo em suas margens o Rio Uruguai, com presença de muitas macegas e animais, conforme ilustra a imagem a seguir.

Figura 3: Estrada de Acesso à Comunidade Estudada.



Fonte: Arquivo do autor. (2022).

A seleção dessas famílias se deu de forma direta, com um grupo de participantes exato de quinze famílias, com pessoas em faixa etária entre 18 e 90 anos. Tendo como propósito as quinze famílias devido a comunidade ser pouco populosa, sendo apenas essa a quantidade total da comunidade e todos serem plantadores de tabaco em pequenas propriedades familiares produzindo-o de forma braçal em pequenas escalas. Conforme ilustra a imagem a seguir.

Figura 4: Lavoura com Plantio de Tabaco.



Fonte: Arquivo do autor. (2022).

Os resultados coletados foram organizados por meio de gráficos e quadros com posterior descrição e análise dos resultados encontrados.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A FUMICULTURA

Como afirma Ramos, Angnes e Costa (2018), por muitos anos o principal destino da produção fumicultora foi para a produção de cigarros e charutos, sendo essa relação reflexo direto da colonização portuguesa e europeia na América do Sul. Contudo, dados do Instituto Nacional de Câncer (2020) junto da Afubra, aponta uma queda na produção desses industrializados de até 40% no ano de 2015 quando comparado à média dos anos anteriores, demonstrando que a tendência mundial do foco à saúde em detrimento dos malefícios do uso de drogas lícitas tem afetado de maneira cada vez mais significativa o mercado tabagista, que já sente levemente este impacto na base de sua produção, os fumicultores.

De acordo com o Departamento de Economia Rural:

O fumicultor brasileiro é aquele indivíduo que geralmente possui pouca terra, pequena propriedade, muitas vezes arrendatário ou ainda meeiro aquele que não detém posse da terra. Dentro deste princípio e segundo o estudo da Associação dos Fumicultores do Brasil – AFUBRA, o produtor de fumo possui em média apenas 15,3 ha de terra. Esta condição já não comporta por exemplo a exploração de soja, cuja cultura exige necessariamente a prática de mecanização e maior extensão de terra (DERAL, 2019, p.7).

De acordo com dados colhidos pela Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) junto do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), desde a safra de 2012/13, a produção de tabaco na região Sul do país representou mais de 90% da produção nacional.

Atualmente a atividade tabagista ocorre em conjunto com associações representativas que prestam apoio a essa cadeia produtiva, uma dessa é a Afubra, que, conforme informações de seu próprio site, surgiu em 21 de março de 1955 em Santa Cruz do Sul (RS) – cidade que, de acordo com Lima (2007, p.196), foi o berço da fumicultura - e através dos lucros do tabaco plantado no local, conseguiram manter e reproduzir a tradição familiar-, a partir da colaboração entre fumicultores da região que buscavam reivindicações e cumprimento de seus direitos perante o poder público dentro da esfera tabagista, mais tarde a associação iria crescer e englobar os demais Estados Brasileiros.

Lima (2007), ao retratar as facilidades da cultura em relação às demais, rememora que, quanto à sua comercialização, a acessibilidade diante da compra, bem como o meio transitório entre produtor e comprador, considerando que o comprador oferece ao produtor os insumos de

forma contratual, de forma diretamente integrada, há a fomentação da atração dos mesmos diante do desenvolvimento da atividade produtiva.

O favorecimento de recursos, como apontado por Lima (2007), tanto financeiros quanto o acompanhamento técnico influenciam no incentivo à produção do tabaco, pois o produtor recebe o benefício e as orientações técnicas de forma cômoda, bem como o escoamento da produção, que é de responsabilidade do comprador.

Desse modo, compreende-se que, comparando a produção de tabaco à produção de outras culturas, temos um cenário muito distinto, pois o agricultor familiar que queira comercializar esse produto precisa de investimentos prévios e capacitação. Porém a produção de tabaco é retirada de seu armazém, de modo que por meio de um aplicativo no seu telefone o mesmo acompanha o lucro da venda creditado em sua conta bancária.

3.1.1 A agricultura familiar na fumicultura

Dentro da fumicultura, destaca-se a relevância da agricultura familiar devido ao dinamismo, apresentado por Lima (2007), de modo que a fumicultura não seja a única fonte de renda familiar, visto que Paulilo (1990 *apud* LIMA 2007, p.208) afirma que é difícil ver os produtores como membros de determinadas empresas que processam o tabaco, uma vez que os próprios agricultores veem-se como clientes delas. Isso ocorre porque o plantio de tabaco conta com uma série de auxílios para o agricultor familiar e auto gestor de sua propriedade, como por exemplo a garantia da compra da produção, o acompanhamento técnico, crédito para financiamento de infraestrutura e transporte da produção partindo da propriedade rural.

Segundo a definição de Mior (2005, p. 191):

A agroindústria familiar rural é uma forma de organização em que a família rural produz, processa e/ou transforma parte de sua produção agrícola e/ou pecuária, visando sobretudo à produção de valor de troca que se realiza na comercialização. Enquanto o processamento e a transformação de alimentos ocorrem geralmente na cozinha das agricultoras, a agroindústria familiar rural se constitui num novo espaço e num novo empreendimento social e econômico.

Complementando tal definição, Wives e Kühn (2018, p. 12) analisa o papel econômico-cultural desse modelo agrícola:

A agroindústria familiar rural sempre existiu no Brasil atuando em harmonia com a atividade agrícola, envolvendo em uma só atividade aspectos culturais, sociais, econômicos e ambientais e, na maior parte dos casos, os produtores rurais beneficiam a própria produção agrícola, gerando renda extra aos grupos familiares.

Com isso, evidencia-se um reconhecimento perante o produtor ao seu esforço, de forma que ele não é totalmente subsidiário às grandes empresas tabagistas, ele possui sua autonomia para a prática agrícola e capacidade de gerir como bem entender sua propriedade, visando, como apontado por Lima (2007), garantir a renda familiar e perpetuação do grupo e tradição familiares.

Contudo, diante dos contextos atuais, como a falta de mão-de-obra local, evidencia-se uma necessidade de mecanização da pequena comunidade do meio rural, que ainda em sua maioria usa equipamento arcaicos, como afirmado por Lima (2007, p. 206) quando fala que “o desenvolvimento de processos produtivos apoiados na utilização de equipamentos simples, desde o uso de tração animal até a cura e secagem do fumo em estufas convencionais ou semiautomáticas de ar forçado”. Desse modo, mesmo que o mercado interno e externo esteja ainda receptivo à produção de tabaco, futuramente pode ser necessária a utilização de tecnologia para suprir a carência de mão-de-obra.

3.1.2 A agricultura em terrenos ondulados: paralelo entre meio ambiente e saúde

A região adotada para estudo da cultura, a cidade de Novo Machado, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, é marcada por um relevo predominantemente ondulado, irregular e com média altitude, em especial na região costeira com o Rio Uruguai.

De acordo com o Inventário Florestal Contínuo do RS (2003 *apud* DEON, AZEVEDO e NETTO 2017, p. 272), “o município apresenta 75% de terras onduladas, estando a uma altitude média de 256 metros acima do nível do mar, com um relevo modelado de colinas com pequena amplitude altimétrica que acompanha os eixos da drenagem, associado a solos férteis [...]”. Levando em conta apenas o relevo regional, excluindo-se a dificuldade em escoar equipamentos para o local, o emprego de maquinário na atividade fumicultura por si só já é uma tarefa difícil, visto que, caso usadas junto de agrotóxicos e locais impróprios ao manejo, Sequinatto (2007, p. 52) afirma que:

[...] o uso intensivo do solo é feito basicamente pela mão-de-obra familiar, desrespeitando a capacidade de uso das condições locais, trazendo prejuízos devastadores ao meio ambiente em termos de contaminação da água por sedimentos erodidos e insumos agrícolas que são aplicados às culturas.

Vale ressaltar que, de acordo com informações relativas à área estudada, o tabaco envolve além de mão de obra braçal, índice elevado de uso de defensivos agrícolas, em sua

maioria agrotóxicos, classificados como altamente tóxicos, conforme dados citação no endereço do Observatório da Política Nacional de Controle do Tabaco.

O plantio de fumo leva cerca de 10 meses, desde a preparação dos canteiros de mudas até a colheita e posterior secagem das folhas. Durante todo o período, são usados diversos tipos de agrotóxicos, como inseticidas, herbicidas e fungicidas. Muitos destes são classificados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) como extremamente tóxicos e altamente tóxicos (Classes I e II) ¹. Este uso exacerbado traz consequências à saúde dos fumicultores, causando intoxicação aguda e/ou crônica ao homem, inclusive o câncer, e contaminação dos compartimentos ambientais (águas, solo e ar).

Conforme estudos e pesquisas, os produtores de tabaco, apresentam grande viabilidade em desenvolver doenças devido à exposição solar, destacando que a época da colheita acontece no verão e a exposição ao sol é frequente, dados citados no endereço do Observatório da Política Nacional de Controle do Tabaco.

O trabalho agrícola pode ser considerado como um fator de risco para câncer de pele. Os fumicultores, em específico, realizam a colheita das folhas nos meses de maior pico de intensidade de radiação solar (dezembro/janeiro) e normalmente se expõem rotineiramente ao sol durante todo o dia, por muitos anos.

O uso excessivo de agrotóxicos contribui de forma significativa ao aumento de doenças, acarretando altos custos aos cofres públicos com tratamentos em saúde, sendo que, de acordo com Dias *et al.* (2018, p. 59), uma pesquisa realizada no Paraná chegou ao resultado de que cada dólar investido na compra de agrotóxicos resultava em U\$ 1,28 para o tratamento de intoxicações agudas através do Sistema Único de Saúde. Dados citados no endereço do Instituto Nacional de Câncer ainda apontam que:

A exposição aguda e crônica aos agrotóxicos pode causar diversas doenças, como vários tipos de câncer, lesões hepáticas, lesões renais, distúrbios do sistema nervoso, esterilidade masculina, reações alérgicas, fibrose pulmonar irreversível, hiperglicemia, entre outras.

Desse modo, evidencia-se que, apesar de lucrativa, a produção tabagista no município de Novo Machado requer um enorme esforço físico para a plena preparação do terreno antes do plantio, e, nesse processo, há um alto risco da contaminação ambiental por agrotóxicos, bem como uma consequente redução da saúde e qualidade de vida dos agricultores envolvidos na tarefa e aqueles que os cercam, demonstrando, assim, a inviabilidade dessa cultura quando compara às outras. Seu único benefício é sua estabilidade.

3.1.3 Perspectivas da fumicultura

A organização comercial influencia diante do cultivo de tabaco, que favorece e atrai os produtores, devido às suas garantias contratuais. Mas esse cenário nos últimos anos deixou de ser destaque e o Estado reduziu as áreas plantadas, substituindo pela fruticultura principalmente. Conforme dados da Associação dos Fumicultores do Brasil-Afubra. (2020, p. 04),

Diminuir a área de fumo, para investir em hortifrúti é uma tendência cada vez maior entre os fumicultores. A produção de frutas e verduras tem trazido maior garantia de rentabilidade. O agricultor Flávio Stumm, explica que na área onde produzia tabaco, agora recebe sementes de melancia. Nesse ano, o agricultor dobrou a produção de morangos. Ele também plantou mais tomates e a estufa de pepinos tem ido bem: de quinhentas mudas em 2016, agora chega a mil. Toda essa produção tem destino e preço certos.

E por que isso está acontecendo? Conforme estudos, percebe-se que durante anos as empresas usavam de recursos como Pronaf para financiarem as plantações de tabaco, o que, de acordo com informações do Instituto Nacional Câncer, referindo-se às mudanças tragas pela Resolução do Banco Central do Brasil 2.833 de 2001, atualmente é proibido caso seja realizado através de parcerias ou junto de indústrias tabagistas. Nesse intuito, o Jornal do Comércio (2019), em matéria traz a informação de que:

O Rio Grande do Sul lidera o ranking nacional de produção de tabaco. Mesmo diante deste cenário, fumicultores apostam no incentivo à diversificação de culturas para se manterem ativos nas suas propriedades rurais. Como o tabaco produzido em solo gaúcho é utilizado para a fabricação de cigarros, e o consumo vem diminuindo em média de 2% e 3% em número de fumantes, a diversificação de culturas e de atividades paralelas são alternativas aos fumicultores. 'Porém, a falta de recursos, e o fato de outras culturas não oferecerem garantia de mercado e logística adequada, faz com que o produtor se retraia, com receio de comprometer sua lucratividade e permanência no meio rural', explica o presidente da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), Benício Werner. (JORNAL DO COMERCIO, 2019, p.s/n.)

Com isso, há uma redução no incentivo à fumicultura e favorecimento aos pequenos produtores que produzem alimentos em excedente, de modo que possam legalizar, diante dos órgãos públicos, sua comercialização, podendo ser municipal, estadual e até mesmo para exportação. Essa simples ação ocasiona um efeito cascata que impacta diretamente as propriedades familiares que buscam iniciar na fumicultura e logo veem-se sem incentivo Estadual, porém, também, proporciona que esses invistam em outras culturas com maior prognóstico futuro.

Outro ponto alarmante para a manutenção da fumicultura é o êxodo rural e o desinteresse dos jovens em seguirem nesse meio, assim como apontam Ramos, Angnes e Costa (2018, p.

551) quando alertam que o modelo de produção tabagista na agricultura afirmou-se sobre o pilar da agricultura familiar, sempre marcada pela sucessão geracional, que agora encontra-se ameaçada pela falta de jovens no campo para darem continuidade à atividade.

Contudo, para os fumicultores que optarem por seguir na cultura, Lima (2007, p. 217) aponta que “O caráter diversificado da produção voltada ao autoconsumo, com venda do excedente é, provavelmente, a forma de as unidades familiares poderem resistir às pressões de preços baixos pagos às mercadorias produzidas”. Porém, o autor também pontua que atualmente o produtor encontra-se apático perante as exigências da cadeia fumícola, sendo necessária uma maior participação sua a fim de assegurar a manutenção de seus direitos e uma remuneração adequada aos esforços e investimento necessários para a fumicultura.

4 DESENVOLVIMENTO

Será apresentado relato e análises da pesquisa de campo, envolvendo visitas às propriedades rurais da comunidade, com objetivo de entender a realidade econômica e ambiental dos produtores rurais de Barra Funda, Novo Machado – RS, diante da cultura do tabaco.

Foram visitadas 15 famílias, produtores de tabaco, que fazem parte de uma comunidade, às margens do rio Uruguai - que faz divisa com a Argentina-, e todas elas são compostas por produtores de tabaco.

Durante a coleta de informações, através da conversa de forma presencial, buscou-se destacar os aspectos históricos da propriedade, número de pessoas por família e faixa hectare, principal fonte de renda, como ocorreu a aquisição da propriedade, tempo que cultiva tabaco, se o cultivo é integrado a empresas, formas de manejo e cultivo. Dados esses que posteriormente nos auxiliaram nas análises do trabalho de conclusão de curso.

Figura 5: Visita à Propriedade da Família de Edemar Roll.



Fonte: Arquivo do autor (2022).

4.1 AS HISTÓRIAS DAS PROPRIEDADES

Nesse aspecto, cada agricultor contou sua história e as atividades ali desenvolvidas, podendo destacar que a maioria das propriedades é de sucessão familiar e seus antecessores também foram plantadores de tabaco, além de ser possível observar que os herdeiros são na maioria os filhos homens, com exceção de apenas duas mulheres que destacam não possuem

irmãos. Aguiar e Stropasolas (2010, p.170) definem que esse é fator típico das famílias sucessoras:

[...] Como o responsável pela parte 'produtiva' geralmente é o homem, o investimento no aprendizado das atividades relacionadas a essas questões recai sobre os rapazes. Assim, as moças parecem aceitar como 'natural' o fato do sucessor ser do sexo masculino. Ademais, o fato de saber, de antemão, que não partilhará do direito à herança da terra desvincula-a de certa forma do compromisso de ficar na propriedade. A migração nesses casos não é apenas uma questão de escolha entre sair e ficar, mas muitas vezes a melhor possibilidade entre os arranjos possíveis [...]. (AGUIAR e STROPASOLAS, 2010, p.170)

Segundo os relatos, por ser tradição das famílias descendente de alemães e italianos, um dos filhos seria o herdeiro da propriedade patriarcal, os demais membros da família teriam que sair da propriedade à posteriori e se casarem, ganhando algumas ferramentas, instrumento de trabalho e animais que serviria como auxílio na atividade agrícola, a maioria ia trabalhar em terras arrendadas, ou adquiridas pelo grupo familiar patriarcal.

Relatam que as famílias das quais são descendentes chegavam a 12 pessoas, devido a isso, entre 1960 e 1980, as terras na comunidade eram poucas para a o assentamento dos descendentes das famílias, com isso houve migrações para outros estados ou países, em busca de novas oportunidade, muitas migraram para a Argentina e Paraguai, outros para o estado de Paraná e Santa Catarina, adquirindo terras melhores e trabalhando com agricultura e pecuária.

Por volta dos anos 1990, o grupo de jovens recém-casados passaram a migrar para a cidade e trabalhar em indústrias, em sua maioria na região de Carlos Barbosa (RS), das quais as famílias destacam que na época havia grandes oportunidade de emprego, vindo com isso um novo sistema, conhecido como a modernização rural para Palmeira:

Essa modernização, que se fez sem que a estrutura da propriedade rural fosse alterada, teve, no dizer dos economistas, "efeitos perversos": a 26 propriedades tornou-se mais concentrada, as disparidades de renda aumentaram, o êxodo rural acentuou-se, aumentou a taxa de exploração da força de trabalho nas atividades agrícolas, cresceu à taxa de auto-exploração nas propriedades menores, piorou a qualidade de vida da população trabalhadora do campo. Por isso, os autores gostam de usar a expressão "modernização conservadora" (PALMEIRA, 1989. p. 87).

Época essa em que a escolinha da comunidade fechou suas portas por falta de alunos, reflexo da baixa taxa de nascimento na comunidade e do êxodo rural em massa.

Figura 6: Escola Desativada da Comunidade de Barra Funda.



Fonte: Arquivo da autora (2022).

4.2 NÚMERO DE MEMBROS DA COMUNIDADE E FAIXA HECTARE

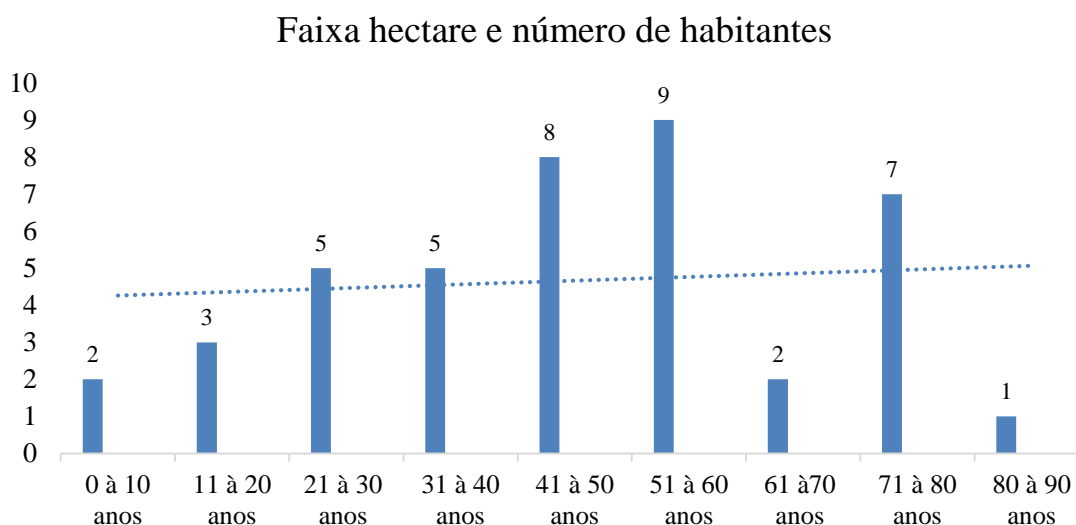
Nessa comunidade residem 15 famílias divididas entre pai, mãe, filhos e netos. Com idades entre 84 anos e 6 anos. Constatou-se durante o estudo de campo que a maioria das pessoas tem mais de 40 anos e que o número de crianças é baixo. Conforme quadro e gráfico a seguir temos os seguintes dados.

Quadro 1: Número de Pessoas por Faixa Hectare

Intervalos de idade	Número de pessoas
0 à 10 anos	2
11 à 20 anos	3
21 à 30 anos	5
31 à 40 anos	5
41 à 50 anos	8
51 à 60 anos	9
61 à 70 anos	2
71 à 80 anos	7
80 à 90 anos	1

Fonte: Trabalho de campo (2022).

Organização: Autora do trabalho (2022).

Gráfico 1: Representação da Faixa Hectare dos Habitantes da Comunidade

Fonte: Trabalho de campo (2022).

Organização: Autora do trabalho (2022).

Percebe-se que o gráfico acima demonstra que a maioria da população da comunidade está com idade entre os 40 e 60 anos, com grande tendência de redução maior nos próximos anos. Dados esses que fazem entender que essa comunidade tenda a uma redução populacional em massa nos próximos 20 anos, desta forma sendo necessária a inserção de estratégias financeiras e agrícolas voltadas à políticas de desenvolvimento regional econômico, que na visão de Casarotto Filho e Pires (2001, p. 106)

Enquanto o processo de globalização econômica se expressa na crescente competição transnacional, o de regionalização social compreende um crescente esforço das sociedades regionais para configurar e sustentar seu projeto de desenvolvimento. Viabilizando esses dois processos contraditórios, globalização e regionalização, emerge o terceiro processo, muito dinâmico, a descentralização política, que resulta em também crescente flexibilização das relações entre os agentes de desenvolvimento.

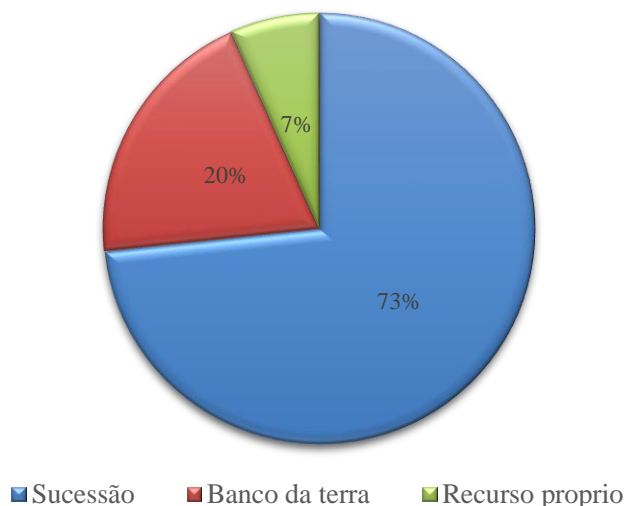
Esse desenvolvimento precisa ser visto como favorável para a comunidade que está inserida em uma região, buscando estratégias que favoreçam as dinâmicas voltadas às novas técnicas de produção agrícolas, ampliando a redução do uso de mão de obra braçal.

Considerando um dos fatores importantes, que das quinze propriedades estudadas, dez sobrevivem exclusivamente da renda proveniente do tabaco, e apenas cinco delas contam com renda de aposentados, pais idosos que residem com seus filhos, mas não desenvolvem a atividade tabaqueira devido à idade.

4.3 FORMA DE AQUISIÇÃO DAS PROPRIEDADES

A seguir o gráfico representa as propriedades de sucessão em relação às adquiridas com recurso próprio ou Programa Nacional de Crédito Fundiário.

Gráfico 2: Forma de Aquisição das Propriedades



Fonte: Trabalho de campo (2022).
Organização: Autora do trabalho (2022).

Diante das 15 propriedades estudadas, onze são de herança, correspondendo a 73% do total, três adquiridas pelo Programa Nacional de Crédito Fundiário, correspondendo a 20% e apenas uma com recurso próprio que corresponde a 7% do total.

O gráfico mostra que a maioria das aquisições é por herança, são famílias de origens europeias que por habito passam parte da propriedade ou, em muitos casos, toda ela para um filho, onde esse é responsável por cuidar dos pais na velhice. São poucas as propriedades adquiridas por meio Programa Nacional de Crédito Fundiário ou recursos próprios, número muito pequeno. Também é importante destacar que a maioria é proprietária das suas pequenas áreas fundiárias, salvo algumas ainda estão escrituradas em nome dos seus antecessores. Conforme descreve Silvestro (2001, p.72) essa passagem se dá de forma lenta nas propriedades rurais.

A passagem das responsabilidades sobre a gestão da propriedade, se dá em um processo de transição em que os pais gradativamente vão passando as tarefas de gestão da propriedade, como a abertura de conta bancária própria ou conjunta, bloco de produtor, responsabilidades de gerir os negócios até a passagem completa do gerenciamento da propriedade (SILVESTRO, 2001, p.72).

A aquisição por herança fica nítida na imagem a seguir, pois a maioria das propriedades ainda conta com casa antigas, construídas por seus antecessores, com estilo europeu, em muitas situações ainda com a interferência dos patriarcas. Fator essa que futuramente acarretará a falta de documentação aos herdeiros, diante da integração destes a empresas conveniadas à produção do tabaco, trazendo a inviabilidade de serem produtores de tabaco.

Figura 7: Propriedade Rural de Sucessão



Fonte: Arquivo da autora (2022).

Diante desse fator, a comunidade enfrenta a situação em que as pequenas propriedades não apresentam estrutura financeira e humana para novas adequação e novos sistemas de produção, pensando em um desenvolvimento para as futuras gerações de sucessores. Ressaltando que, a partir dos anos 60, surgem no meio rural a necessidade de análises das dinâmicas agrícolas relacionadas aos meios socioeconômicos modernos, diante disso podemos relacionar dois fenômenos:

O primeiro fenômeno está relacionado à aceleração do processo de modernização e intensificação da agricultura, baseado na disseminação e expansão da revolução verde. O segundo fenômeno pode ser atribuído à avaliação crítica dos resultados obtidos pelos grandes projetos e ações de desenvolvimento rural, implementados tanto nos países do norte como nos países do sul, que reforçavam a necessidade de novas abordagens para a promoção do desenvolvimento agrícola. Parte considerável desses projetos e ações, apesar da mobilização de grandes equipes técnicas e de meios financeiros e materiais extremamente importantes, contribuíram minimamente, ou mesmo negativamente, para a promoção do desenvolvimento agrícola das regiões para as quais eles foram concebidos e implementados (MIGUEL, 2009, p. 19).

Considerando os fatores relacionados a um meio ligado à produção agrícola unicamente de tabaco, seria pertinente a introdução de novos sistemas de produção com maior diversidade

produtiva. Buscando a permanência de jovens na comunidade em estudo, reduzindo com isso o êxodo rural e a falta de sucessão.

4.4 TAMANHO DAS PROPRIEDADES POR ÁREA DE TERRA EM HECTARES

Segundo dados disponíveis pela Administração Pública do Município de Novo Machado - RS, temos as seguintes informações:

Novo Machado, município criado pela lei 9555 de 20 de março de 1992, com uma área total de 218,325 km², localiza-se ao Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, na Região do Alto Uruguai e pertence à região do Grande Santa Rosa. Delimita-se ao Norte através do Rio Uruguai com a República Argentina, ao Leste com o Município de Dr. Maurício Cardoso, ao sul com o município de Tucunduva e a oeste com os Municípios de Tuparendi e Porto Mauá. O município apresenta altitude de 230m acima do nível do mar sendo seu solo caracterizado em 75% de terras onduladas. (PREFEITURA DE NOVO MACHADO, 2015, p. s/n)

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2021 o município contava com uma população estimada de 3191 pessoas, com uma área territorial de 218,836 Km². Em 2010, a sua área demográfica, conforme censo, era de 17,95 habitante por Km², tendo em média os módulos fiscais do município com 20 hectares. Novo machado é um município que apresenta propriedade de minifúndios em sua maioria, que desenvolvem atividades de subsistência voltadas a pouca diversidade cultural, em pequenas escalas e com uso de muita mão de obra.

As propriedades da comunidade estudada são todas de minifúndios, com módulos inferiores a 20 hectares, conforme mostra o quadro seguir.

Quadro 2: Módulos de Terra em Relação às Propriedades Estudadas

Intervalo de hectares	Número de propriedades
1 à 5	4
5 à 10	9
10 à 15	1
15 à 20	1

Fonte: Trabalho de campo (2022).

Organização: Autora do trabalho (2022).

Esses dados retratam a realidade dessa comunidade de forma nítida, é uma região do município com áreas de terras pedregosas e montanhosa, sem possibilidade de mecanização, onde a atividade agrícola ali desenvolvida é braçal em pequenas proporções de terra. Apenas

uma propriedade com 12 hectare e uma com 20 hectare. Essas duas propriedades, além do tabaco, desenvolvem atividade de criação de gado em pequena escala, em áreas de terra com impossibilidade de plantio, devido às pedras e morros.

Todas as propriedades da comunidade estudada, são de agricultores familiares, enquadrando-se na Lei nº 11.326/2006, diante dos seguintes requisitos:

I- não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (BRASIL, 2006)

As demais propriedades, têm sua produção baseada no tabaco como fonte principal, mas também desenvolvem atividades de subsistência, com criação de gado para o consumo de carne e leite, galinhas caipiras, suínos, hortaliças e frutas, isso apenas para o consumo da família e quando sobra distribuem para os vizinhos, com um típico sistema de trocas entre os moradores dessa comunidade.

Nas chamadas *réstevas* - lavouras pós colheita de tabaco - e espaços pequenos da propriedade, é feito o plantio de milho, soja, aveia, trigo, feijão, batata doce e mandioca, tudo em pequena escala para alimentação dos animais da propriedade.

Conforme mostra a imagem a seguir, de uma propriedade rural da comunidade.

Figura 8: Propriedade Rural De Barra Funda, Novo Machado



Fonte: Arquivo da autora (2022).

Ouvindo os relatos de um produtor sucessor de quarta geração, com grupo familiar composto por pai e mãe (antecessores), filho e nora (sucessores), pode-se perceber que esse processo mudou muito pouco até os dias de hoje, o grupo familiar relatou um pouco de suas

vivências na comunidade, diante do plantio de tabaco, contam que essa atividade é quase centenária na comunidade, destacando que na família Anderle, primeiros moradores desse local, chegados na comunidade no ano de 1938, onde trouxeram consigo poucos utensílios, sendo um casal recém casados, produziam alimentos de subsistência, como milho, feijão, mandioca, batata doce, caçavam e pescavam, criavam gado, porco e galinhas, essa geração perpassando até os dias de hoje a quarta geração na propriedade.

Esta família começou o plantio de tabaco nos anos 1940 em pequenas quantidades, de forma bem artesanal, destacando as grandes dificuldades enfrentadas devido às terras serem muito onduladas. Esse fator também foi destaque em todas as outras famílias, as dificuldades da mecanização fizeram com que o tabaco se tornasse a principal atividade agrícola dessa comunidade e os pequenos módulos de terra por produtor.

4.5 PRINCIPAL FONTE DE RENDA

Atualmente na comunidade a principal fonte de renda é a comercialização de tabaco, esta ocorre anualmente entre os meses de janeiro a abril, produção essa integrada a empresas multinacionais onde a empresa dispõe de um técnico responsável pelo acompanhamento de seus produtores (conhecidos como instrutores), esses fazem visitas técnicas às propriedades, disponibilizando orientações para o desenvolvimento da produção desde o plantio das sementes até o momento do processamento final, onde o produto é enviado para a indústria.

Os produtores destacam a importância desse sistema com acompanhamento técnico direto integrado, tendo eles a segurança diante do cultivo do tabaco com a qualidade desejada pela empresa integrada. Durante as visitas os agricultores relataram que esse sistema viabiliza a garantia do retorno financeiro após a colheita, proporcionando a eles segurança econômica para a sobrevivência anual.

Pois, quando questionados em relação ao sistema agrícola de produção, sobre a ideia de tabaco ser substituído por outra cultura, destacaram a inviabilidade financeira diante da insegurança na hora da comercialização e as dificuldades logísticas, devido a distância em relação aos centros de consumo, citando como exemplos as dificuldades ante à produção de hortifrúteis.

4.6 O CULTIVO DO TABACO, NA COMUNIDADE DE BARRA FUNDA

O processo de cultivo é dividido em etapas, que serão descritas a seguir.

Primeira etapa, a semeadura e poda, sem muitas técnicas modernas, é basicamente braçal e com tração animal, desde o plantio das sementes do tabaco até o processamento final, enfardamento, tudo é realizado pelo produtor manualmente.

Nos meses de maio e junho, os produtores preparam os chamados canteiros dentro de estufas, com pequenas piscinas artesanais feitas com lona, posteriormente é colocado fertilizantes diluídos em água, para serem colocadas as bandejas de isopor com terra e as sementes. Conforme retrata a imagem a seguir, de uma estufa em época de produção de mudas.

Figura 9: Estufa com o Preparo de Mudanças de Tabaco, Semeadura e Nascimento.



Fonte: Imagem fornecida pelo produtor rural Cleisiomar Atilho Hauschildt (2021).

Quando essas sementes nascem e as plantas atingem 10 cm, é feito o processo de poda das folhas para o fortalecimento da planta na hora de transplantar na lavoura. Nesta etapa, os produtores destacam que precisam muito cuidado principalmente nos dias frios, as estufas precisam ser verificadas continuamente para manterem temperaturas adequadas às plantas. Perguntei se existe equipamentos para monitoramento, ressaltaram que conhecem o clima local.

Segunda etapa, o transplante dessas mudas para a lavoura, lavoura essa que já foi arada com a tração animal, bois em sua maioria, e nela incorporada fertilizantes químicos, a base de NPK, com o apoio de uma máquina manual artesanal, é feito o plantio das mudas em uma distância aproximada de 60 centímetros uma planta da outra, após o plantio é feita a capina entre as plantas para as demais ervas não se proliferarem. A imagem a seguir mostra o tabaco já transferido para a lavoura.

Figura 10: Tabaco Plantado na Lavoura, Propriedade do Produtor Edemar Roll



Fonte: Imagem fornecida pelo produtor rural Edemar Roll (2021).

Terceira etapa, em meados de setembro essas plantas começam a florir, mas para a qualidade das mesmas, a flor deve ser cortada, e posteriormente passam um produto que queima a brotação, isso é feito de forma manual em cada uma das plantas. Imagem a seguir representa a plantação após o corte do broto, *desbroto*.

Figura 11: Lavoura de Tabaco em Época Retirado do Broto



Fonte: Imagem fornecida pelo produtor rural Silvio Jacó Anderle (2021).

Quarta etapa, em meados de novembro começa a colheita e secagem das plantas, essas plantas são cortadas com facões uma a uma, posteriormente carregadas em carroça com tração animal – bois- e levadas aos galpões com andaimas da altura das plantas, onde estas são penduradas em fios de arrame estendidos e firmados nas madeiras a uma distância de 20

centímetros um do outro, as plantas ali são penduradas a distância de 10 centímetros uma da outra para secarem, permanecendo aí até o mês de janeiro, dependendo das precipitações do ano. A imagem a seguir representa a colheita do tabaco de forma braçal.

Figura 12: Colheita de Tabaco na Propriedade de Jiseldo Roque Hauschildt



Fonte: Imagem fornecida pelo produtor rural Jiseldo Raque Hauschildt (2021).

Quinta etapa, estando secas, essas plantas são desfolhadas, processo onde as folhas são retiradas uma a uma do caule e empilhadas, por cor, chamadas classes, de um a cinco, que segundo os produtores determinam a qualidade do produto final. Após esse momento são postas em caixas de madeira e prensadas, formando os conhecidos fardos. Conforme imagem a seguir.

Figura 13: Classificação e Enfardamento de Tabaco.



Fonte: Imagem fornecida pelo produtor rural Artemio Hirsch (2022).

A qualidade depende dos cuidados diante do cultivo, são considerados importantes: a adubação adequada, os cuidados com as pragas (rugas e pulgões), devem ser constantemente polarizadas as plantas para terem folhas saudáveis na etapa final.

De acordo com informações dos proprietários, a rentabilidade por hectare plantada, no ano presente ano (de 2021/ 2022) relatam que receberam em média geral 15 reais por quilo do tabaco, sendo que em uma hectare do solo típico local da comunidade de Barra Funda são plantados entre 15 a 19 mil plantas, isso depende das ondulações do solo. Eles tiveram em média uma despesa de cinco mil reais com insumos, despesas com as companhias fornecedoras (empresa responsável pelo fornecimento dos insumos e compra do produto) e um lucro no valor líquido a receber em conta bancária de vinte e cinco mil reais, isso por hectare plantada.

4.7 EMPRESAS INTEGRADAS AO PLANTIO DE TABACO

Todos os produtores são integrados a empresas, sendo as associadas a essa comunidade as seguintes: Universal Leaf Tabacos, com atendimento em Santa Cruz do Sul - RS, Alliance One Internacional, exportadora de tabacos, com atendimento em Venâncio Aires- RS, Souza Cruz, com atendimento em Santa Cruz do Sul - RS e JTI (Japan Tabacco Internacional), com atendimento em Santa Cruz do Sul - RS. Toda a empresa integrada tem representantes que visitam seus produtores diretamente em suas propriedades, dando assistência técnica especializada. Constatou-se durante a pesquisa que a grande maioria dos produtores estão integrados à empresa Universal.

Os produtores, cultivam em média 50 mil plantas por ano, fazendo com que a família consiga manter suas construções e ferramentas de trabalho em dia e sustentar-se economicamente, sendo o grupo em média de três pessoas por família. Tem uma família com uma pessoa, três famílias com duas pessoas, seis famílias com três pessoas e cinco famílias com quatro pessoas. Conforme representado no quadro 3.

Quadro 3: Número de Pessoas por Família na Comunidade de Barra Funda, Novo Machado

Famílias / número de pessoas	Número de famílias
1	1
2	3
3	6
4	5

Fonte: Trabalho de campo (2022).

Organização: Autora do trabalho (2022).

A comunidade estudada tem uma área de estação abrangente por uma estrada de chão, com servidão administrativa de cinco quilômetros de extensão entre o primeiro e o último produtor, totalizando uma população na comunidade estudada de 45 pessoas. Toda ela às margens do Rio Uruguai, divisa com o país Argentina. Fazendo divisa ao norte com a comunidade de Esquina Barra Funda e ao Sul com Lajeado Saltinho.

Esses dados retratam o contexto em que uma comunidade é totalmente produtora de tabaco em baixa escala, devido estar inserida em um local isolado dos grandes centros e não terem outras alternativas de produção agrícola que em pequena escala que ofereçam um retorno financeiro para que possam retirar seu sustento.

Durante o desenvolvimento da pesquisa os produtores desmontaram estarem inseguros diante da sucessão dessa comunidade, devido a cada ano reduzir o número de pessoas, considerando que a maioria dos produtores estão com uma idade considerada elevada para o trabalho em produção de tabaco na forma manual, convencional, devido essa atividade exigir muito esforço físico basal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do trabalho envolvendo pesquisa de campo, se deu de forma satisfatória e significativa. Nesse sentido, pode-se perceber os desafios, junto aos pequenos produtores rurais, as dificuldades diante do contexto econômico e social. Comunidade essa que desde sua fundação contou com propriedades pequenas com a principal atividade agrícola de subsistência, cultivando os produtos básicos, como milho, trigo, feijão, mandioca, batata e criação de animais para o consumo familiar complementados com a caça e a pesca.

O desenvolvimento econômico dessa por meio da produção de tabaco se dá para a subsistência local e familiar, em pequenas escalas, chegando a uma renda per capita de R\$ 10.000,00 anual, constatando que essa é a cadeia produtiva favorável dessa região devido às propriedades apresentarem solos pedregosos e angulosos, sem possibilidade de mecanização agrícola.

Assim, percebe-se que os pequenos produtores, minifúndios com áreas de terra em média com módulos rurais entre 5 e 10 hectares, na maioria proveniente de sucessão, tenham na produção de tabaco uma oportunidade de rentabilidade com apoio de técnico integrado a uma empresa, que oferece uma forma de garantia diante da compra de toda a produção, sendo valorizado o pequeno produtor que produz baixa em pequenas escalas.

Cabe salientar que a forma de produção integrada proporciona aos pequenos agricultores uma segurança financeira em relação a venda garantida de seu produto, que na época de venda é retirado da propriedade do produtor, com posterior depósito bancário do valor correspondente à fatura da colheita, com o acerto de todas as despesas, deixando os produtores satisfeitos pelo atendimento oferecido.

Se considerarmos a região estudada, diante do tipo de solo e a dificuldade em relação aos acessos a comunidade que é feito por estrada de chão em um percurso de 25 km da sede do município, seria difícil a produção de hortifrúti para comercialização, pois devido ao difícil acesso de locomoção os produtos chegariam ao comércio sem qualidade adequada, sendo a produção de tabaco uma das poucas alternativas de produção com comercialização garantida, relacionando ao contexto que esta comunidade está inserida.

Este trabalho trouxe boas contribuições diante da formação profissional da autora, fazendo com que a mesma melhor percebesse a realidade dos pequenos produtores rurais que vivem em comunidades isoladas, com falta de acesso e precárias condições de trafegabilidade. As dificuldades por eles enfrentadas são constantes, tendo tarefas árduas durante dez meses do ano,

com plantio do tabaco, desde o desenvolvimento e colheita da produção, onde tudo ocorre de forma braçal, devido ao desfavorável relevo local, sendo inviável a mecanização agrícola local.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vilênia Venâncio Porto; STROPASOLAS, Valmir Luiz. As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010. p. 157-181. Disponível em: <http://portalypade.mma.gov.br/biblio-morroquianos?download=220:genero-e-geracao-em-contextos-rurais> >. Acessado em 05 de junho de 2022.
- ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL. **Cadeia produtiva**. Disponível em: <https://afubra.com.br/cadeia-produtiva.html>. Acessado em 01 de maio de 2022.
- ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL. **Fumicultura no Brasil**. Disponível em: <http://www.afubra.com.br/fumicultura-brasil.html>. Acessado em 10 de maio de 2022.
- BRASIL. Lei Nº 11.326, de 24 de julho de 2006. BRASÍLIA Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm>. Acessado em 05 de junho de 2022.
- CASAROTTO FILHO, N.; PIRES, L. H. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local**: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana. São Paulo: Atlas, 2001.
- DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL. **Prognóstico Fumo**. 2019. Disponível em: https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-09/fumo_2019_v1.pdf. Acessado em 15 de maio de 2022.
- DIAS, Alexandre Pessoa *et al.* **Agrotóxicos e Saúde. Série Fiocruz**. Coleção Saúde, Ambiente e Sustentabilidade. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2018.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/novo-machado.html>. Acessado em 16 de junho de 2022.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informações complementares Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>>. Acessado em: 13 de maio de 2022.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Novo Machado**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/novo-machado/panorama>. Acessado em 16 de junho de 2022.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. **Alternativas à fumicultura e publicações sobre o tema**. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/alternativas-fumicultura>. Acessado em 13 de maio de 2022.
- JORNAL DO COMÉRCIO. **Gaúchos lideram produção de tabaco, mas investem em diversificação de culturas**. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/dia_da_industria_2019/2019/04/680923-gauchos-lideram-producao-de-tabaco-mas-investem-em-diversificacao-de-culturas.html. Acessado em 13 de maio de 2022.

LIMA, Ronaldo Guedes de. Desenvolvimento e relações de trabalho na fumicultura sul-brasileira. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos; BAUMGARTEN, Maíra. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez. 2007, p. 190-225.

MIGUEL, L. de A. **Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. 14ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 2015.

MIOR, Luis Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005.

NEUMANN, P. S.; FIALHO, M. A. V. **Sistemas agrários**. Apostila da disciplina Análise de Sistemas Agrários. Universidade Federal de Santa Maria. [2009]. 71p.

PALMEIRA, M. **Modernização, Estado e questão agrária**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 1-22, 1989.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO MACHADO. **HISTÓRIA**. Disponível em: <https://www.novomachado.rs.gov.br/site/conteudos/185-historia>. Acessado em 10 de junho de 2022.

SEQUINATTO, Letícia. **A INSUSTENTABILIDADE DO USO DO SOLO COM FUMICULTURA EM TERRAS DECLIVOSAS**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

SILVESTRO, Milton Luiz. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead / Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001. 120 p. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=84502>. Acessado em 05 de junho de 2022.

WIVES, Daniela Garcez, KÜHN, Daniela Dias. **Gestão e planejamento de agroindústrias familiares**. Coordenado pela SEAD/UFRGS. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS AGRICULTORES

ROTEIRO NORTEADOR DA PESQUISA

Após a identificação pessoal e assinatura do Termo de Consentimento (em anexo), a autora irá convidar as pessoas, membros das famílias visitadas a responderem perguntas com base em um roteiro pré-estipulado.

- 1) Pedir um pouco sobre história das propriedades, bem como relação da família com as atividades desenvolvidas na comunidade.
- 2) Número de pessoas que residem na propriedade e idades.
- 3) Principal fonte de renda.
- 4) A propriedade é de sucessão? se sim, como esse processo ocorreu?
- 5) Há quanto tempo trabalha com tabaco?
- 6) O cultivo do tabaco é integrado a alguma empresa? Qual? Como isso ocorre? Se não, como ocorre a venda?
- 7) Pontos que consideram importantes no plantio de tabaco, alguma técnica peculiar?
- 8) Verificar se há equipamentos agrícolas presentes na propriedade. Listar, trator, colheitadeiras, etc.
- 9) Forma como é realizado o cultivo, manejo e processamento do mesmo.
- 10) As atividades agrícolas desenvolvidas na propriedade são familiares ou contam com auxílio de mão-de-obra externa?